



## Eberhard I von Sayn

Ir.º Eduardo Marques Zan

### Meu Nome Histórico

A história medieval oferece não apenas registros factuais, mas também figuras que se elevam à condição de arquétipos simbólicos. Entre elas, destaca-se Eberhard I von Sayn, nobre germânico do século XII cuja trajetória articula elementos históricos e espirituais. Inserido nas tensões entre Império e Papado, no ideal cruzado e na sacralização da cavalaria, Eberhard representa uma síntese entre fidelidade política, devoção religiosa e formação iniciática. Este estudo propõe uma leitura histórico-simbólica de sua linhagem, que se estende por meio de seu filho Johannes von Sayn — conhecido na Itália como Giovanni di Zan — e culmina numa interpretação inspirada no grau de Aprendiz Maçom, onde valores como silêncio, fidelidade e sacrifício assumem função estruturante. Nascido em 1137, na Renânia, Eberhard pertencia a uma antiga linhagem nobre, com raízes que remontam aos merovíngios. Sua formação ocorreu no ambiente feudal, onde a educação se dava pela prática: o manejo das armas, a administração das terras e a observância dos juramentos que sustentavam a ordem social. Nesse contexto, a fé cristã não era apenas uma crença individual, mas o fundamento da própria realidade política e moral. O século XII assistiu à crescente espiritualização da cavalaria e à emergência das ordens religioso-militares, exigindo dos nobres uma constante negociação entre fidelidade imperial e submissão eclesiástica — tensão que Eberhard soube habitar com notável equilíbrio.

Ainda jovem, integrou o séquito do imperador Frederico I Barbarossa, participando das campanhas italianas destinadas à reafirmação do poder imperial. Nessas expedições, entrou em contato com a complexa realidade urbana da Itália, distinta da estrutura feudal germânica. Em Florença, envolveu-se com Imelda Guerra, ligada, segundo tradições, à antiga Casa de Canossa. Dessa união nasceu Johannes, em 24/06/1155, posteriormente conhecido como Giovanni di Zan. Embora nascido fora do matrimônio formal, o filho foi reconhecido e protegido por Eberhard, evidenciando uma postura incomum para a época.

De retorno à Alemanha, por determinação imperial, Eberhard assumiu plenamente suas funções como Conde de Sayn e Vogt do Arcebispado de Trier, posição que exigia simultaneamente autoridade militar e fidelidade à Igreja. Seu casamento com Ana von Hirscher-Sargans consolidou alianças políticas e territoriais, garantindo a continuidade da linhagem por meio de herdeiros legítimos, entre os quais se destacam Heinrich II e Bruno IV, este último destinado à carreira eclesiástica.

O governo de Eberhard caracterizou-se pela manutenção do equilíbrio entre força e legitimidade. Ao lado de seu irmão gêmeo Heinrich, consolidou o domínio familiar, exercendo autoridade sobre territórios marcados por instabilidade. Sua atuação incluía a administração da justiça segundo costumes tradicionais, a proteção de instituições religiosas e a edificação de fortificações estratégicas. Mais do que um governante expansionista, Eberhard revelou-se um guardião da ordem, cuja autoridade dependia da reputação e da coerência de suas ações.

Enquanto isso, na Itália, Giovanni di Zan deu continuidade à linhagem sob novas formas. Seus filhos Andrea e Ioannes ingressaram na Ordem dos Templários, encarnando o ideal do cavaleiro consagrado ao sagrado. Já Ghirardo Zan seguiu um caminho distinto, dedicando-se ao conhecimento e à arquitetura, fundando uma confraria de ofício em

Florença. Essa bifurcação entre espada e saber simboliza uma transição fundamental: da guerra à construção, do combate exterior à edificação interior.

Nos últimos anos de sua vida, Eberhard participou da Terceira Cruzada, acompanhado por seu filho e netos. A morte de Frederico Barbarossa, em 1190, desestruturou o exército imperial, levando Eberhard a retornar à Europa. Esse gesto, longe de representar mera retirada, pode ser interpretado como ato de discernimento: reconhecer os limites da ação e preservar a integridade interior. Em contraste, seus netos templários morreram no cerco de Acre, simbolizando o sacrifício absoluto, enquanto Ghiraldo perpetuava a linhagem por meio do saber e da construção.

A trajetória de Eberhard I von Sayn revela-se, assim, mais do que um percurso histórico: constitui um itinerário simbólico que dialoga profundamente com o processo iniciático maçônico. Sua vida exemplifica o equilíbrio entre ação e contenção, força e prudência, devoção e responsabilidade. Tal como o Maçom, Eberhard não se define pela busca de glória pessoal, mas pelo cumprimento de uma função. Ele não impõe, mas sustenta; não domina, mas ordena; não proclama, mas age. O maçom, assim como o conde medieval, é chamado a desenvolver disciplina interior, a cultivar o silêncio e a construir sua identidade por meio do trabalho constante. A morte dos netos templários representa o sacrifício consumado, enquanto a escolha de Ghiraldo aponta para a transformação da violência em conhecimento — movimento que antecipa o ideal construtivo da Maçonaria especulativa. A devoção de Eberhard a São João Batista oferece a chave espiritual desse percurso. Figura do precursor, João representa aquele que prepara o caminho sem ocupar o centro. Da mesma forma, o aprendiz é aquele que inicia sem concluir, que serve a uma obra maior do que si mesmo. Ele não é o fim, mas o começo consciente de um processo de construção interior.

Desse modo, Eberhard I von Sayn emerge como figura paradigmática do iniciado: fiel ao juramento, disciplinado no silêncio, consciente do sacrifício e comprometido com a transmissão. Sua linhagem ultrapassa o plano biológico e se inscreve numa continuidade espiritual. O iniciado contemporâneo, ao reconhecer-se nessa tradição, compreende que sua herança não reside em sobrenomes, títulos ou conquistas materiais, mas na responsabilidade de dar prosseguimento a uma obra inacabada.

Assim, este ensaio não se limita à evocação de um passado distante, mas propõe uma atualização viva dessa linhagem. O iniciado moderno, portando o avental simbólico, é chamado a edificar não fortalezas de pedra, mas estruturas de virtude e sabedoria. Tal como seus antecessores, deve aprender a equilibrar ação e reflexão, silêncio e palavra, tradição e renovação. A verdadeira genealogia, portanto, não é de sangue, mas de espírito — e se realiza plenamente naquele que, ao adentrar o Templo, aceita o compromisso de construir a si mesmo.